

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLV



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras nos anos de 2016 e 2017.

Título: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Letras
Tomo XLV

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Impressão: Gráfica 99

Data de impressão: 2024

ISSN: 0378-116X

Depósito legal: 61370/92

DOI: <https://doi.org/10.58164/a58t-1h21>

Ingresso como académico correspondente na Academia das Ciências

JOSÉ-MARTINHO MONTERO SANTALHA

Agradeço com profunda emoção à Academia das Ciências a honra que me faz nomeando-me Académico Correspondente da Galiza, junto com os meus colegas Isaac Alonso Estraviz e Ângelo Cristóvão.

Bem compreendo que na base desta decisão está o facto de sermos os três, respetivamente, presidente, vice-presidente e secretário da Academia Galega da Língua Portuguesa neste primeiro período de oito anos que agora se cumpre. Desta maneira honra-se a nossa jovem Academia, por parte da mais antiga e venerável das academias congéneres dentro da Lusofonia. Nos nomes dos três estão, pois, também representados todos os outros 29 académicos, mulheres e homens, que conformam a nossa Academia — e alguns deles, por sinal, teriam bem mais merecimentos do que eu para receber na sua pessoa o título de Académico Correspondente.

A ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA (AGLP)

A Academia Galega da Língua Portuguesa cumpre os seus primeiros oito anos de vida. Constituiu-se no ano 2008 em Santiago de Compostela. No seu primeiro ano tivemos a honra de participar nesta mesma sede de uma sessão interacadémica, em que deu à Academia Galega a ocasião, por assim dizer, de “apresentar-se em sociedade”, e pudemos, já então, agradecer o acolhimento tão cordial das outras duas Academias congéneres, a portuguesa e a brasileira, como a uma irmã mais nova que começava a andar os seus primeiros passos, quase sem outros méritos que a esperança que a movia e a sua entrega à causa da língua comum.

Com oito anos de vida, a Academia Galega encontra-se ainda na sua etapa infantil. Mas, dentro da nossa modéstia de meios, algo levamos feito nestes anos.

Para além de alguns resultados de natureza mais prática e tangível, cremos poder dizer que neste tempo a nossa Academia foi ganhando prestígio e respeito na sociedade galega e no mundo lusófono. Porém, talvez o mais importante de tudo, é que previvem nela o generoso entusiasmo que lhe deu origem e a inspiração que lhe deu forma...

Surgida da iniciativa privada, com expressa e firme confissão de independência política, a Academia Galega quer ser uma instituição científica e cultural, que tem como fins fundamentais o estudo e a promoção da língua da Galiza, entendida como uma modalidade do idioma que no mundo se conhece como “língua portuguesa”. E como às outras Academias, inspira-a o propósito de reger-se sempre pela atitude científica e pelo rigoroso amor à verdade.

Outros galegos precederam-nos já nesta honra de fazerem parte da Academia das Ciências como académicos correspondentes. Merecem ser lembrados, especialmente neste momento, por terem dedicado as suas vidas ao estudo da língua que aqui nos congrega, dois ilustres professores: Ricardo Carvalho Calero e Ernesto Guerra da Cal.

Resulta-nos particularmente emotivo a lembrança do professor Carvalho Calero, porque dele procede a ideia de criar uma Academia Galega da Língua Portuguesa. Ele foi o primeiro que, já na década dos oitenta do passado século, formulou a necessidade de constituir uma Academia Galega que, tanto na sua concepção como na sua prática, mantivesse de maneira explícita e inequívoca a unidade linguística da Galiza com os outros países de língua portuguesa.

A GALIZA, UM PAÍS LUSÓFONO

Tanto a presença destes professores como a dos três — e, na nossa, a de toda a Academia Galega da Língua Portuguesa — reafirma publicamente o carácter da Galiza como país lusófono, membro da comunidade de povos que falam português.

A Galiza é um país de língua portuguesa, um país lusófono: embora muitos dos demais lusófonos o ignorem, fala uma forma de português que os galegos denominam por vezes “galego” ou mesmo “língua galega”, e este factor linguístico é, ademais, o principal sinal de identidade colectiva da Galiza como povo

diferenciado dentro do Estado Espanhol, no qual se integra como comunidade autónoma, dotada de governo próprio e de amplas competências políticas em diversos campos.

Na sociedade galega existe um vigoroso movimento de irmandade e de simpatia com Portugal e com todo o mundo lusófono. Nos últimos anos, graças à maior facilidade de contactos, cresce constantemente entre os galegos a consciência de fazermos parte de uma comunidade unida pelo elemento mais íntimo de um povo, que é a sua língua. Entre os escritores galegos são cada vez mais os que, com plena consciência da sua pertença ao conjunto de literaturas lusófonas, adoptam a norma padrão da língua portuguesa; e algumas das suas obras estão a encontrar também eco entre os críticos e leitores de Portugal e do Brasil.

Apesar das dificuldades em que se debate ali a nossa língua por causa da competência da língua espanhola, a Galiza guarda ainda uma parte do mais autêntico tesouro do idioma, vivo, não só na sua tradição literária e popular, mas também na fala habitual e no cultivo escrito de muitos galegos.

Infelizmente, a maioria dos lusófonos nem sequer sabem que a Galiza é um país lusófono. Os próprios meios de comunicação lusófonos, mesmo os de Portugal, não costumam considerar os galegos como irmãos de língua, mas, simplesmente como “espanhóis”. Muitos portugueses que visitam a Galiza, vão ali como se fossem a qualquer outra região da Espanha, e para entenderem-se com os galegos esforçam-se por falar castelhano.

Algo similar, de resto, acontece também entre a gente comum da Galiza: embora todos sintam uma certa comunidade afectiva com Portugal, normalmente falarão castelhano tanto quando visitem Portugal como quando na própria Galiza se encontrem com visitantes lusófonos.

Ora, esta situação vem provocada pela falta de comunicação ao longo dos séculos e pela escassa informação no tempo presente. E deve-se certamente também a essa falta de informação que não seja mais intenso o interesse e o sentimento de solidariedade dos demais falantes de português para com a Galiza, se exceptuarmos uma minoria de estudiosos — felizmente crescente de ano em ano.

O PORTUGUÊS DA GALIZA: UMA SITUAÇÃO PARADOXAL

A situação que apresenta a língua portuguesa na Galiza é paradoxal.

As causas que determinam a situação presente do português da Galiza compreendiam-se numa: a nossa história plurissecular de dependência com respeito à Espanha, que teve uma consequência no terreno linguístico: o espanhol, apesar de ser originariamente uma língua estrangeira no território galego, foi a única oficial da Galiza durante séculos e até há poucos anos; agora é co-oficial juntamente com o português da Galiza, mas segue ainda gozando, de facto, com muitas vantagens sobre a língua nativa.

Para os demais falantes do português é quiçá difícil fazer-se uma ideia do que esta situação significa. Ajudar-lhes-á talvez a compreender o nosso caso imaginarem o que teria acontecido em Portugal se não conseguisse independizar-se da Espanha em 1640: a situação actual não seria muito diferente à da Galiza. O espanhol teria sido provavelmente a única língua oficial de Portugal durante estes séculos passados, como o foi na Galiza e, conseguintemente, a única língua de cultura; e o português, carente assim do apoio e do prestígio literário que lhe confere o uso público e oficial, ficaria relegado à fala informal da gente mais humilde e ao cultivo de uma minoria mais consciente (pois os círculos da administração, da política, da economia e da cultura oficial tenderiam, na sua maioria, a situar-se mais comodamente na órbita do poder, como quase sempre acontece).

Se em 1640 tivesse ocorrido aquela contingência histórica, Portugal encontrar-se-ia hoje num estado muito similar ao da Galiza (no aspecto que aqui nos ocupa: o linguístico). Ora, na Galiza, em realidade, essa situação vinha já de mais de um século antes.

Uma história tão longa explica a complexa situação linguística da Galiza, e que para muitos lusófonos se torne dificilmente compreensível. Fatores concretos de desorientação são fundamentalmente dois: por um lado, o predomínio linguístico espanhol (não só no uso falado, mas também no sistema ortográfico que se vem empregando mais comumente), e, por outro lado, nos últimos anos a tentativa, por parte dalguns galegos, de “independizar” do português a língua da Galiza, com a pretensão de fazer dela uma língua distinta.

Essa “língua galega independente” pretende construir-se exagerando as diferenças a respeito do português padrão, para isso lançando mão de elementos diversos: castelhanismos, diferencialismos forçados e artificiosidades várias.

Mas mesmo com todos esses disparates, essa imaginária “língua galega independente do português” não deixa de ser português: um português algo desvirtuado, mas português claramente.

Podemos tomar uma gramática galega dessa tendência e realizar, como amostra, um confronto entre qualquer capítulo dela com uma gramática do português comum.

Vejamos o artigo: formas do artigo definido nessa “língua galega independente do português”: *o, a, os, as*.

Agora os possessivos: *meu, minha, meus, minhas; teu, tua, teus, tuas; seu, sua, seus, suas; nosso, nossa, nossos, nossas; vosso, vossa, vossos, vossas; seu, sua, seus, suas*.

Passemos aos demonstrativos: *este, esta, isto, estes, estas; esse, essa, isso, esses, essas; aquele, aquela, aquilo, aqueles, aquelas*.

E poderíamos prosseguir assim...

Na verdade, à vista deste confronto, é para dizer que, se isso não é língua portuguesa, deve de haver aí um feitiço malévolo que a transfigura estranhamente...

É verdade que o sistema ortográfico empregado por essa tendência, adotado do castelhano, faz algo dessa transfiguração ou desfiguração; mas claro está que isso acontece unicamente na aparência superficial, pois a representação gráfica não modifica a realidade linguística que está debaixo dela. Por exemplo, o possessivo *miña*, pelo facto de ser escrito com a letra espanhola *ñ* não deixa ser a mesma palavra que quando é escrita com o dígrafo *nh*.

A verdade científica e objetiva para quem olhe a realidade sem preconceitos políticos é que a língua falada ao norte do rio Minho é, desde os tempos augurais dos trovadores, a mesma que se fala e se escreve para o Sul do Minho.

Naturalmente, o português da Galiza possui alguns traços caraterísticos. Sobretudo, apresenta um fonetismo caraterístico. Em alguns aspetos é conservador, noutros inovador.

O sistema vocálico é o mais conservador de toda a lusofonia. Mantém com admirável clareza e fidelidade o estado do vocalismo medieval, tal como o podemos descobrir na poesia trovadoresca e que está bem refletido na ortografia comum: assim, a distinção e identidade das vogais átonas (que nos permite, por

exemplo, distinguir bem entre *soar* e *suar*), ou a conservação dos ditongos *ei* e *ou* na sua identidade originária.

No sistema consonântico misturam-se traços conservadores e inovadores, alguns dos quais coincidem, no entanto, com a fala popular da área setentrional de Portugal.

Traço tradicional é a conservação da africada dento-palatal /t/ch/: *chamar*, *chorar*, também conservada tradicionalmente na zona norte de Portugal.

Traços inovadores são a confusão de vários pares de fonemas que a maioria dos lusófonos conservam bem distintos. Dentre estes fenómenos, talvez o mais comum é a confusão entre os fonemas bilabial /b/ *b* e lábio-dental /v/ *v*, confusão comum também na fala popular do Norte português.

Ademais, uma grande parte da Galiza possui um fonema algo perturbador: o som interdental // de *cedo* ou *fazer*, o que para os ouvidos portugueses nos aproxima do castelhano peninsular.

A CONSCIÊNCIA DA UNIDADE LINGUÍSTICA

Apesar de todos os condicionalismos históricos que propiciavam o obscurecimento da unidade linguística galego-portuguesa, na cultura galega existiu sempre uma parte muito qualificada, e até maioritária, que mantinha a consciência da identidade lusófona da Galiza, em consonância, aliás, com o que afirmavam os grandes mestres da Filologia Românica: desde o Padre Feijoo no século XVIII, passando por grandes vultos da nossa cultura como Manuel Murguia, Castelao, Guerra da Cal ou Carvalho Calero, até aos dias de hoje, em que mantêm essa consciência muitos galegos, de todas as ideologias e de todas as classes sociais.

Felizmente, também no mundo lusófono não faltaram, nos tempos modernos, testemunhos da consciência de que a Galiza fazia parte da “casa comum” linguística.

Primeiramente, nos filólogos. Baste-nos lembrar, entre outros, os nomes de Leite de Vasconcelos, Lindley-Cintra ou Celso Cunha (para citarmos só pessoas falecidas), que incluíram, de pleno direito, o território galego na área de língua portuguesa, como uma forma mais de português.

Também no terreno literário as produções modernas dos escritores galegos foram consideradas repetidamente como parte das literaturas de língua portuguesa.

Já o fez Teófilo Braga, em 1877, incluindo vários poetas galegos contemporâneos, ao lado dos portugueses e brasileiros, na sua antologia de poetas em língua portuguesa que intitulou *Parnaso português moderno*.

Com alcance geral, Jacinto do Prado Coelho incluiu a literatura galega, em plano de igualdade junto com a portuguesa e a brasileira, no seu grande *Dicionário de Literatura*, fazendo notar a presença galega até no mesmo título da obra: *Dicionário de Literatura: Literatura portuguesa, Literatura brasileira, Literatura galega, Estilística literária*.

E é bem conhecida a longa entrega de Rodrigues Lapa à causa da cultura galega e à defesa da pertença do território galego ao mundo lusófono. O grande mestre não ficou só em afirmações teóricas, mas procurou reflectir a unidade linguística também na prática. Assim, na sua popular *Estilística da língua portuguesa* aduziu abundantes exemplos literários de autores galegos, considerando-os membros de pleno direito da literatura em português.

AGRADECIMENTO E ESPERANÇA

Concluo agradecendo novamente este acolhimento da Academia das Ciências à voz da Galiza. Mais uma vez, nós, os galegos que têm como idioma materno o português sentimo-nos felizes de sermos fraternalmente acolhidos pelos nossos irmãos de língua no cálido lar da língua comum.

Desejamos e esperamos que no futuro esta irmandade continue e se robusteça cada vez mais com novos contactos e com novas colaborações. Alimentamos a esperança de que, sejam quais forem as circunstâncias político-culturais em que os nossos países se encontrarem, entre todos saibamos achar caminhos e instrumentos que permitam articular essa irmandade superior que é a língua, o que para a Galiza implicará uma participação plena e permanente na comunidade lusófona.

Muito obrigado.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA NO COLÓQUIO “A LÍNGUA PORTUGUESA NA GALIZA”
DE 14 DE JULHO DE 2016)